

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

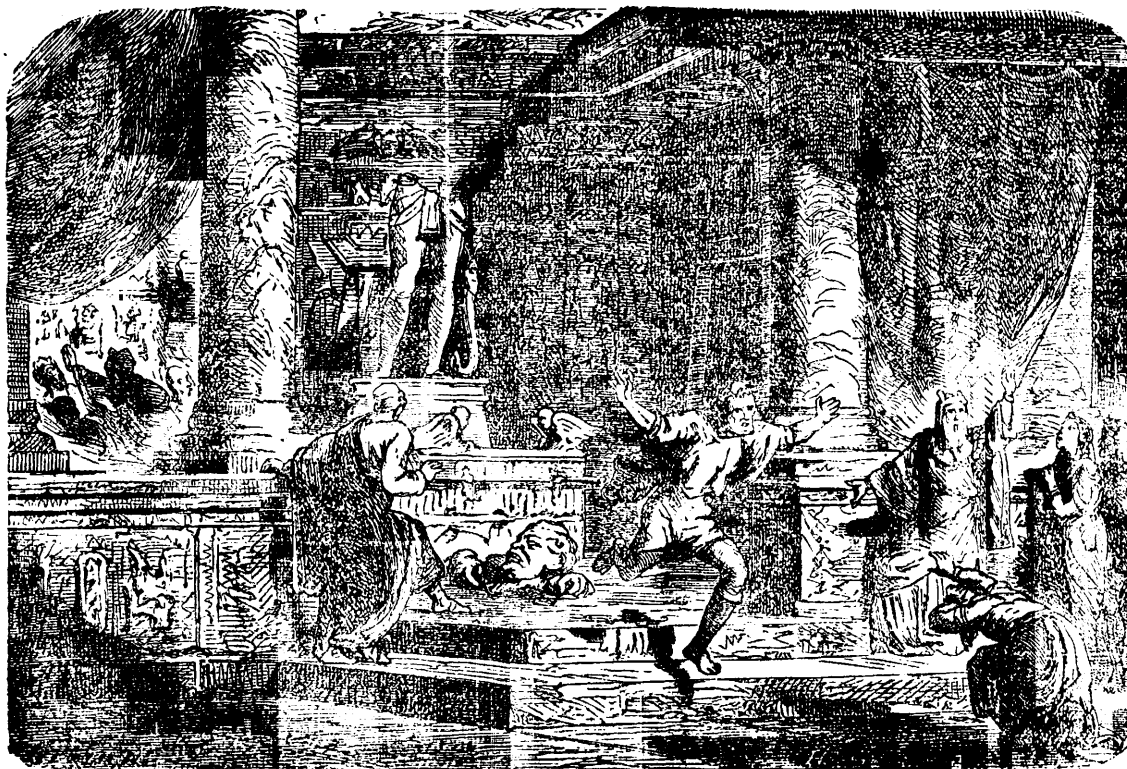
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea que sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesie... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — *Instruções do Papa aos Catholicos francezes.* — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã (XI.VIII) Caridade no coração*, pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Natureza e arte*, pelo ex.^{mo} snr. Alves de Almoida; — *Bemfeita* (Descrição estatística), pelo ex.^{mo} snr. Albino S. D. C. — SECÇÃO LITTERARIA: *Branca* (Filha d'Alfonso III), pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida; — *O sentir do crente*, pelo ex.^{mo} snr. P.^o Antonio Vaz de Proença Norte; — *Mãe*, pelo ex.^{mo} snr. P.^o Antonio Vaz de Proença Norte; — *Não é mentira*, pelo ex.^{mo} snr. P.^o Antonio Vaz de Proença Norte; — *Deus castiga sem pau nem pedra*, pelo ex.^{mo} snr. P.^o Antonio Vaz de Proença Norte. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *A arca no templo de Dagon*; — *O Beato Miguel dos Santos.* — RETROSPECTO.

Gravuras: *A arca no templo de Dagon*; — *O Beato Miguel dos Santos.*



A ARCA NO TEMPLO DE DAGON

Instrucções do Papa aos catholicos francezes

IS, com as tres linhas que o precedem, o texto da nota publicada pelo *Osservatore Romano*:

Podemos aqui publicar uma communicacão auctorizada, cuja importancia a ninguem se occulta.

A respeito da maneira de se comportarem os catholicos de França para com o poder existente, o Santo Padre já exprimiu o seu pensamento e o seu juizo em diversas decisões e do modo mais claro. Apesar d'isso, ainda ha, o que é uma dolorosa surpresa, quem, abusando da boa fé alheia e aproveitando os menores incidentes, procure obscurecer a verdadeira significacão d'aquellas decisões recorrendo, em caso de necessidade, a inducções, a conjecturas, a pequenos expedientes de todo o genero, para dar d'aquellas mesmas decisões uma interpretação conforme com as suas ideias pessoaes; em quanto o Santo Padre em pessoa tem fallado, explicado e esclarecido muitas vezes o seu pensamento.

Em todo o caso, o assumpto é muito importante, o fim a que visa o Santo Padre é muito nobre, o affecto que tem á nação franceza é muito grande, para que se não desvele em esclarecer quanto possivel os espiritos, dissipando os equivocos que outros obstinadamente procuram accumular.

Seria aliás inutil repetir tudo quanto já foi dito em conformidade com a doutrina da Igreja, com as tradições da Sé apostolica e com as theorias dos grandes doutores, a respeito das diversas formas de governo e da obediencia devida aos poderes constituídos. Só recordaremos alguns pontos que mais estreita relação teem com o proceder pratico dos catholicos e que lhes podem servir principalmente de luz para comprehenderem o pensamento do Santo Padre.

Antes de tudo, não se pensou em impôr preferencia e muito menos predilecção pela forma republicana ou pela forma monarchica, attendendo a que nem uma nem outra se oppõem aos principios da sã razão e ás maximas da doutrina christã.

Portanto, é livre para os catholicos como para todos os cidadãos o preferirem, na ordem especulativa, uma forma de governo a outra.

Tambem se não pensou nunca em offender os sentimentos intimos nem o respeito devido ás recordações do passado.

Accrescentou-se que só a Igreja

tem as promessas divinas d'immutabilidade quanto á sua forma de governo; mas que as sociedades humanas, relativamente á duracão de suas institucões politicas, são sujeitas ás mudanças e vicissitudes do tempo e principalmente á acção da Providencia divina, da qual dependem os destinos futuros das nações.

Por outro lado, mostrou-se aos catholicos francezes que o criterio supremo do bem commum, da conservacão social e da tranquillidade publica impõe, na ordem pratica, a acceitação dos novos governos que se encontram estabelecidos de facto no logar dos governos anteriores, que de facto deixaram d'existir.

Esta doutrina, plenamente conforme com a sã razão, foi o Papa levado a recordal-a aos catholicos francezes, porque encontrando-se em perigo os interesses sagrados da religião, é Elle que tem o direito e o dever de indicar os meios mais apropriados aos logares e aos tempos para defender ou favorecer a causa da religião.

Assim se faz evidente que os catholicos francezes não devem combater nem directa, nem indirectamente, o governo estabelecido e que se devem collocar, pelo contrario, no terreno constitucional e legal, já para estabelecer a união compacta de suas forças, já para tirar aos adversarios todo o motivo de os apontarem como inimigos das institucões vigentes (motivo que, largamente explorado, diminuia aos olhos do povo a efficacia da sua acção) já para que a causa suprema da religião não pareça identificada com a de um partido politico.

Qualquer outro terreno, na situacão actual da França, não seria nem solido nem vantajoso para os interesses da religião.

Além d'isto os catholicos devem unir-se estreitamente entre si, dando de mão a toda a discordancia politica, e empregarem todos os meios licitos e legaes para melhorar gradualmente a legislacão; pois muitas vezes se tem já dito a differença essencial que existe entre o poder e as leis. O poder é sempre respeitavel e sagrado, emquanto as leis, se lesam os direitos da consciencia, devem ser emendadas.

Para conseguir este nobre fim e impôr um freio áquelles que pretendiam deschristianisar a França e destruir no povo as noções em que assentam a ordem e a tranquillidade social, appellou-se para os homens honrados e imparciaes *de toute nuance*, visto que é um dever d'interesse vital e commum assegurar o respeito devido aos soberanos direitos de Deus, favorecer a concordia entre todos os cidadãos, salvar o patrimonio moral d'onde

emanam a verdadeira grandeza e a prosperidade d'uma nação; e n'este campo todos os homens de bem e de bom senso podem encontrar-se unidos e desenvolver combinadamente a sua actividade e energia.

E os catholicos teem mais especial dever que os outros de contribuirem com todas as suas forças para esta obra de salvacão, attendendo a que, para elles, o bem da religião, ao qual está unido o da patria, deve ser o objectivo principal da sua vida. Por conseguinte, se para ella concorrerem com tibieza e indifferença, e ainda mais se lhe oppozerem resistencia, obrarão mui culposamente.

Incumbe-lhes tambem o estricto dever d'escutarem com o respeito devido a voz do seu Chefe supremo, collocado por Deus em defeza e salvaguarda da religião. E faltam a este respeito os que, a despeito dos seus protestos de amizade á Santa Sé, desfiguram os conselhos do Santo Padre, e muito mais aquelles que os combatem, ou ainda os que scientemente deligenciam desvirtual os ou põem em contradicção com os conselhos de seus antecessores; os que pretendem evitar o directorado pontificio com o futil e irreverencioso pretexto de que invade o terreno politico ou que não exprime o pensamento do Papa, mas o dos seus representantes; os que, firmando-se em cartas particulares e em apreciações de personagens, mesmo constituídas em dignidade, pretenderiam circumscrever e attenuar as claras instrucções da Santa Sé; e finalmente os que, em vez de favorecerem a obra de pacificacão religiosa e concordia dos espiritos, visam antes a crear difficuldades e a semear desconfiança e desanimo.

O Papa não é guiado por nenhum interesse humano e secundario, mas unicamente pelo bem das almas e pelo grande e constante affecto que professa pela nação franceza, cujo coração magnanimo e nobre empenho por todas as obras de fé, caridade e religião, elle conhece.

O Papa confia em que, acalmadas as paixões, a sua palavra será comprehendida e recebida docilmente por todos, e não duvida que as benções de Deus descerão tanto mais abundantes sobre os que souberem efferecer com generosidade ao bem da religião, não só a sua acção, mas tambem o sacrificio de seus projectos e de suas tendencias pessoaes.

SECCÃO DOCTRINAL

Milicia Christã

XLVIII

CARIDADE NO CORAÇÃO

CARIDADE—purissima, celestial graça, que enche de delicias supremas o céo e deixa sentir na terra brisas de celeste encanto; és tu a pereunna primavera do christianismo, tu, o zephyro suave que amenisa os nossos jardins, o aroma que os perfuma, o pincel que os matiza, o sol que os vivifica e o mysterioso luar que vem n'elles se-meando encantos.

O amantissimo Redemptor dos homens fez de ti, oh! caridade beindita, o brasão da sua nobreza, o pendão das suas glorias, o sello da sua lei e o timbre do seu amor.

E's tu a característica mais saliente do christão.

Appareces-nos risonha no alvorecer da vida, sympathica na juventude, rica e generosa na idade adulta e na velhice meiga e encantadora; no rosto do mendigo supplicante, na mão do rico dadivosa, nos labios do orador sagrado meliflua, no rosto das filhas de S. Vicente edificante, nos seus conferentes providente, nas irmãsinhas dos pobres admiravel, no hospital soffredora e compassiva, na casa pia prohibida, na portaria do mosteiro magnanima, na do cemiterio candida e meiga, no manicómio e no orphanato maternal, e sempre e em todo o logar me appareces generosa e terna, sympathica e bella.

E's tu a inspiração do Evangelho e sobrenadas nas suas inspiradas paginas como a agua da levada, que vem regando ampla planicie, verdejantes prados floridos, movendo lyrios e levantando brizas, que perfumadas formam uma atmospherã d'amor e paz entre candidas delicias.

Na sua lei, por que ella é a genuina expressão da bondade d'um Pae, que, amante e generoso, honra e ventura vem sómente buscando para os seus queridos filhos.

Nos seus conselhos, onde se deixa vêr sabio e prudente guiando miseros pobrinhos, nas sendas da obediencia e da pureza, no mais recondito dos mimosos jardins da perfeição christã, onde em auras d'amor divino aspiram brizas d'amor e paz, cuja perfumada suavidade o mundo desconhece.

Nos profundissimos mysterios que nos revela; porque são elles, como um abysmo da sabedoria divina, onde, ao tocarmos, o nosso entendimento pobre descobre uma aurora do eterno dia de verdade e luz, porque instinctivamente

suspira e humilde crê, e oriente adora, excitando o coração a levantar-se em chammãs de divino amor, para agradecer o amor d'Aquella, que tanto nos amou.

Nas suas parabolãs corre a fluxã caridade purissima e bella, como as aguas crystalinas da fonte, que brota no rochedo e se deslisa sobre arelas alabastrinas por entre verdejante paul coroadõ de boninas e lyrios.

A parabola do Filho Prodigõ, tão nobremẽte perdoado e paternalmente recebido, nos pinta em alto relevo a ternura encantadora d'esta virtude entre todas terna: e na do Bom Pastor apparece a caridade sublimada até á herõicidade da abnegação e do sacrificio.

O pastor suspira amante pela ovelhinha perdida, e não tem repouso até a encontrar, e quando dá com ella doente ou esfalfada, humilha-se até ao chão para a collocar sobre os seus hombros e assim a leva desde longe até ao seu redil.

Mas onde a caridade christã mais se revela é na oração, dicta dominical, vulgo — Padre Nosso — ensinada pelo divino Mestre aos seus discipulos, que a transmittiram ás futuras gerações.

N'essa oração apparecemõs todos filhos do mesmo Pae e este tão amante da paz, concordia e boa amizade, em que devemos viver, que não quer que nenhum lhe peça por si só, nem mesmo por si e por alguns dos seus irmãos; mas quer que cada um dos seus filhos peça por si e por todos os seus irmãos, sem exclusão d'um só: por que tão nobre e tão amante Pae nos deseja ver sempre unidos consigo e entre nós n'esse enleio santo da caridade christã. Por isso quer que digamos *Padre Nosso*, não d'este ou d'aquelle, mas de todos nós.

Somos, pois, todos irmãos, filhos do mesmo Pae, e como filhos d'Elle, e bons irmãos, quer que digamos todos os dias da nossa vida mortal—*Santificado seja o vosso nome - venha a nós o vosso reino —o pão nosso de cada dia nos dae hoje —perdoae as nossas dividas —nos não deixeis cahir em tentação—mas livrae-nos do mal.*

Eis como a caridade, esse preceito novo, que surgira, como a sua mais sublime aspiração, do amantissimo Coração de Jesus, é a seiva vital da frondosa arvore virente do christianismo, plantada pelo Redemptor no Calvario e até regada com o seu sangue divino, para que vivesse uma vida divina e as aves do céo allí maviosas piem de roda dos seus ninhos formados nos seus mimosos ramos, e para que os peregrinos no deserto possam, encostados ao seu robusto tronco, quando açoitados pela tempestade ou agredidos pelo inimigo, abrigarem-se seguros.

Esta caridade beindita é celestial perfume, que dá vida e alento, valor e constancia, abnegação no sacrificio, coragem nas emprezas, paciencia nas fadigas, fervor na oração e até prazer na penitencia aos heroes que militam na milicia christã.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECCÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 75)

CCLXXXIII

P. Antonio de Escobar

ESTE jesuita, um dos mais afamados casuistas, nasceu em Valladolid, no anno de 1589. Descendia da illustre casa de Mendora, tão celebrada na Hespanha, que produziu grandes homens, entre os quaes houve alguns Cardeaes, Bispos, generaes e religiosos, distinctos em letras e virtudes.

Antonio de Escobar, professando a regra de Santo Ignacio, exerceu por muito tempo com applauso a oratoria sagrada: prégou nada menos que 40 annos, e muitas vezes no dia, sendo já de idade avançada.

Nunca deixou de observar á letra os preceitos da sua Ordem, mesmamente os jejuns, excepto nos ultimos annos da sua vida, por ser velho e doente.

Dirigiu duas congregações de sacerdotes e seculares, a quem exhortava á piedade. Visitava a miudo os carcerees e hospitaes, levando palavras de consolação e allivio aos presos e enfermos. O resto do tempo passava-o escrevendo e orando.

Foi excellente poeta. Mas é geralmente conhecido como casuista, ou auctor d'uma theologia moral universal, na qual resolveu todos os casos de consciencia. Falleceu piamente em 1669, na idade de 80 annos.

Tal foi o jesuita Escobar, de que tanto mal teem dito os inimigos da Companhia de Jesus. O celebre jansenista Paschal metteu a ridiculo os seus principios de moral, no que depois foi seguido por outros da mesma seita.

Escobar foi criminado por ensinar doutrinas que outros muitos antes d'elle impunemente haviam ensinado. Teem sido calumniado, imputando-se-lhe o que elle não disse nem lhe veio á imaginação. Teem sido mal entendido por muitos que não consideram a sua doutrina com as condições e limitações que elle estabecece.

E' escusado demonstrar aqui a má fé

de semelhantes accusadores. E tambem não intentamos defendel-o de todas as opiniões que elle adopta, e que aliás são sustentadas por outros muitos auctores estranhos á Companhia de Jesus.

Santo Affonso de Liguori, o principe dos theologos modernos, cita-o com muita honra, e não raras vezes segue os seus sentimentos com preferencia aos d'outros moralistas. E nada mais é necessario dizer-se para vingar a memoria do jesuita Antonio de Escobar.

O que é notavel é que, clamando-se tanto contra o jesuita Escobar, nunca a Igreja censurou as suas obras.

E' certo que foi um homem douto e pio que nunca pensou que homens malvados e ignorantes abusassem dos seus escriptos.

CCLXXXIV

P. João Jacques Chatellard

Nascido na cidade de Lyon, no anno de 1693, João Chatellard, depois de vestir a roupeta jesuitica, sendo ainda muito joven, dedicou-se ás bellas letras, que elle ensinou em alguns collegios.

Dentro de pouco tempo manifestou a sua vocação para o estudo das mathematicas, e foi n'esta sciencia que Chatellard se distinguiu.

Nomeado professor de hydrographia no porto de Toulon, e encarregado da instrucção dos aspirantes da armada, este jesuita exerceu por muito tempo este difficil e critico emprego com geral satisfação.

Tão sabio como virtuoso, era sollicito pela instrucção dos seus discipulos, e ainda mais pela sua educação moral. Falleceu a 15 de outubro de 1757. Deixou uma obra muito estimada sobre as mathematicas.

(Continua).

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Natureza e arte

NA cathedral de Lugo, cidade da Galiza, ha um sino,—o da chamada dos conegos,—a cujo toque e com o mesmo compasso, se move um Crucifixo que avulta sobre a janella do presbyterio, como é sabido de quantos teem estado n'esta cidade.

O imperador Leão da Grecia, tinha passaros d'ouro que cantavam, talvez em contacto com a mais leve aragem; e Boecio, serpentes de metal que silvavam.

Archimedes, descobriu o fazer-se lume com um pedaço de crystal voltado para o sol.

Nero possuia uma *esmeralda* tão grande e resplandecente, que n'ella se via tudo quanto se fazia n'um theatro, por maior que fosse.

Pyrrho, aquella famosa *achates* aonde se viam esculpidas as *nove muzas* com as suas insignias, e *Apollo* sentado entre ellas com a sua lyra na mão; mas tudo isto obra da sempre admiravel natureza, coisa que mais parece um sonho do que uma verdade historica.

E Giges, rei da Lydia, aquella outra prodigiosa pedra, cujo nome se ignora, que quem a tinha na mão, via o que se passava a grande distancia, tendo alem d'isso,—por boa ou má arte,—a virtude d'encobrir o que a tivesse comsigo, que-rendo elle.

Architas Tarentino, teve a habilidade de fabricar uma pomba de madeira que voava por si, como se fôra animada, bem como uma estatua de metal que fallava: e Alberto, philosopho de larga fama, a de fazer umas serpentes tão naturaes que, alem de tambem se moverem por si, ninguem ousava entrar n'uma porta que guardavam, com medo d'ellas.

N'uma das ilhas Canarias houve, ou ainda haverá, duas fontes de taes virtudes que, quem bebia n'uma, lhe dava tão continuo rizo que, a não ir beber na outra, sem mais remedio... tinha de morrer a rir.

Em Harpara, povoação asiana, ha um penhasco gigantesco que tocando-lhe com um dedo, se move, e que abalado com muita força, ainda que por alguns homens ao mesmo tempo, se não mexe.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, tinha uma cadellita que gania ao som d'um manicordio, como que cantando, sem perder nenhum som de quanto se tocava.

Phyletas Coe era tão alto e delgado que usava laminas de chumbo no fato, para o vento o não levar, nem o ar o derrubar.

Na Inglaterra ha uma fenda qualquer ou gruta natural, diz Clemente Alexandrino, que ferida pelo vento, produz uma suave harmonia musica.

Uma rapariga de Gaeta, por nome Emilia, tendo nascido mulher, se foi pouco e pouco transformando em homem, de fórma que aos 25 annos o era: e não só n'esta se tem operado tal phenomeno, porque outros casos semelhantes se teem dado em diversas partes do mundo.

Na illha de Coe houve uma ovelha que pariu um leão, caso que não é inexplicavel.

Diz Plinio que vira um elephante tão bem domesticado, que fazia todo o serviço d'uma casa, e outro arvorado em acrobata, passando sobre uma corda proporcional ao seu grande pezo, como

fazem os arlequins de praça. E Marciano affirma ter visto outro que escrevia com a tromba no chão, em grego: «Eu mesmo o escrevi.»

Na Germania houve uma mulher, diz Alberto Magno, que deu á luz, de 12 partos, 60 filhos, 5 de cada, sem que nenhum d'elles chegasse a viver mais de 6 mezes. E o doutor Frei Bernardo de Brito, escreve no fim da *Chronica de Cyster* que a Condessa Margarida, filha do Conde de Hollanda, tivera 364 d'um só parto, femeas e machos, tendo todos chegado a receber a agua do baptismo.

E ponto. Quem duvidar do que acabamos de dizer, pode consultar, alem d'outras obras, a *Escola decurial* de Frei Fradique Espinola, impressa em 1697.

ALVES D'ALMEIDA.

Bemfeita

Descripção Estatística

(Continuado de pag. 52)

BAIRROS. A Bemfeita tem 4 bairros, a saber: Fundo, Outeiro, Cabo e Praça (Coroa de Amores por J. Simões Dias pag. 155).

—*Confrarias e Irmandades.* Além da Associação do Sagrado Coração de Jesus, creada com centro aqui no tempo em que era Parocho o Rev.^{mo} Joaquim Florindo Correia e com uma bonita Imagem do Sagrado Coração de Jesus, vinda para este centro no tempo do mesmo Rev.^{mo} Joaquim Florindo Correia ha tambem a Irmandade de Nossa Senhora d'Assumpção, composta de muitos irmãos.

Caminho de Ferro. — Não tem; o mais perto é em Santa Combado. (Vimieiro).

Capellas. — A povoação tem as seguintes capellas: Nossa Senhora d'Assumpção, Senhor dos Passos, Santa Rita de Cassia, S. Bartholomeu e mais acima, subindo-se uma ingreme ladeira desde a Bemfeita e em sitio ameno, poetico e saudavel, as sympathicas capellinhas de Nossa Senhora das Necessidades e Senhora da Guia; e fôra da povoação ha as seguintes:

Nossa Senhora da Paz, no Sardal—Santo Antonio, no Suxudro—S. Nicolau, nos Pardieiros—S. Simão, no logar das Luadas—Santa Maria Magdalena, no logar da Deflores—Nossa Senhora das Neves, no logar da Relva Velha—Bom Jesus, no logar do Montefrio—S. Simão, no logar das Luadas.

Clima. — E' muito frio, principalmente no inverno; não admira, porque pertence a um dos concelhos mais frios

do districto. (Vid. Mappa Estatico do districto de Coimbra, por A. R. de Andrade, pag. 13).

Casamentos. — O Parocho tem 120 réis pelos proclamas, 200 réis por cada certidão e offerta no dia do casamento pelos noivos. Não tem porém dever nem obrigação de os acompanhar, costume que está em uso em outras freguezias. Em 1894 houve 7 casamentos.

Costumes. — Em tempo existia na Bemfeita botas e calções do tempo de Virgilio, trastes que pertenceram ao pae dos cyclopes. Diz-se que no meio dos tres montes que guardam a encantada Bemfeita, «as bruxas da idade media costumavam celebrar a luz da lua, as suas minas negras com pactos infernaes.»

Na Bemfeita janta-se quando o enorme relógio do senhor abbade, relógio que tambem serve de porte-viagem e para as hostias e cabeção, (quando as caixas lhe não servem de bacia de barba) marca meio dia.

Ceia-se sem sol, sem moscas e sem candeia. As velhas fiam e fazem seus feitiços.

Os homens são Poliphemos de dia e cacos de noute. Apesar d'isto ser verdade, não o é menos a existencia de honrosas excepções masculinas e femininas. Ha pessoas instruidas, padres, bachareis e esperanças de mais. Ha madamas e tricanas e muitas cousas de pasmar. No dia de grande gala dança-se e canta-se a Remaldeira, que é uma especie de Ramaica, dança que era moda de todo o anno nos bons tempos de Homero, e não ha muitos annos dos arrabaldes de Smirna, tres bombos, zupados pelos braços guedelhudos e robustos de tres Quasimodos, uma viola tangida por um Adonis de cravo ao peito, uns ferrinhos nas mãos de um maricas de carapuça vermelha e um pifaro garganteado por um Hottentote, eis a philharmonica da Bemfeita.

E á noite os sorrisos, os jogos, as escamuadas e as espigas vermelhas da debilha. As noites de eterna memoria. Com os trisagions e os hymnos de S. Gregorio, garganteia-se o fado ao som do cavaquinho.

Os mysterios de Ceres Eleusina surgiram do esquecimento e por ali correm espectros errantes, os hierophantes e toda essa tropa vagabunda de egypcios e bohemios, dançando a dança dos padres de Isis, vendendo balsamos, lendo sinas e roubando crianças. A par do *dilletanti*, que assigna um jornal, fuma charuto e soletra Balzac, surdem a bohemia, a chiromanchia, sybilismo, preparações anaphrosidias, philtros, spagiria e quejandas preparações ridiculas. Na Bemfeita corre-se para a missa com tanta diligencia e afan, como para casa do charlatão, que ha de curar

da espinhela a mulher do Dionisio Lopez.

A' noite os sombrios espectros do Hamlet surdem e desaparecem como aurora nos adeuses de Romeu e Julieta. Os minstreis e trovadores aqui apparecem ainda modificados pela moda e transformados nos tocadores de guitarra, que ainda vão celebrar as suas serenatas á porta das colarejas, que na janella se repimpam. Os cantos do Cid foram substituidos pela chula e marianita. O pelicon do seculo duodecimo e decimo terceiro tomou no seculo passado as formas da jaqueta de azas de mosca e para logo se transformou na Bemfeita no classico albornós. As capas hespanholas, por virem do reino visinho não entraram lá; talvez pela ideia negra do iberismo. Antes, dizem elles, o systema de Diogenes, relativo aos trajos a despeito do pudor, do que estrangeirices hespanholas.

As mantilhas com seus bicos de cegonha, mal se veem picando nos crivos do confessionario. Em dias de gala foram abolidos, graças ao satyrico Entrudo, que as ridiculisou.

A Bemfeita deve muito ao divertido Entrudo, que é a mola real do machinismo do progresso. A cabelleira, pleonasmos de Racine, apenas se divisa nos Pharaós do passado, que á mingua dos capacetes de Marte alagados no mar vermelho da civilisação encafuam a monstruosa cabeça nos estofos da carapuça. Tal cabelleira ainda não foi abolida de todo.

Ao longo das orelhas do ancião veem-se muitas vezes descer á laia de cadilhos algumas febras das encaracoladas rêpas até de todo se perderem nas anfractuosidades labyrinthosas dos bacalhans da camisa. Em virtude da fortaleza do tanoeiro, que esta possui, não é raro ver a gente minados em suas bases as lanzudas orelhas do padecente das toscas modas.

Tal martyr deve salvar-se pelo cilicio, que traz ao pescoço; os gorgelins, que ainda se veem nos retratos dos guerreiros do seculo dos quinhentistas tambem os lá vi modificados pelos gorgeiros, gorgetes ou babadouros de exquisito bordado espanejando-se em caprichosas voltas sobre o decotado das turvas, edição reformada das roupinhas de algum dia. As mulheres da Bemfeita em pouca cousa macaqueiam os homens.

Vão-se emancipando dos plagiatos. Sem conhecerem as grandes obras de Erneste Levongé, de Michelet e de Hermance Lesguillon, relativas ao adiantamento moral da mulher, vão tomando dos cofres da moda as riquezas, que de direito lhe pertencem, sem que venham a offender os direitos do homem. Com effeito as calças, pois que são privati-

vas do homem não se ageitam ás delicadas tibias da mulher. Os macrobios chapéos, que nós chamamos bombos, tromblons, canecos, cortiços, penantes etc., etc. ainda se não encarapitaram sobre um penteado feminino, ao contrario do que já se viu em Coimbra.

As femeas não usam botinhas, salvo em algumas casas, onde o chefe compra um par de botas accommodadas aos pés da mulher, filhos e filhas para prevenir as crises dos sapateiros.

Os albornós ainda não passaram dos lombos do marido para os costados de sua mulher, assim como o homem não envervou a capoteira de sua metade, a não ser nas manhãs de frio, porque n'esse caso o tempo desculpa a invasão na propriedade alheia. N'este particular as coisas na Bemfeita estão normal. As pertenças da mulher são-lhe garantidas pela moda e da mesma fórma as do homem.

Não ha confusão de direito. A moda que a produz e caldeia homens com mulheres e vice-versa não entra cá.

Ainda bem. A Bemfeita é como brava cadella presa pela cauda á columna retrograda do passado, filada pelo gasete ao osso do futuro.

Quer avançar e não póde porque se horrorisa de voltar as costas ao tradicionalismo e treme de que se venham no futuro a confundir os generos.

As creanças velhas são para elles sagradas, por isso com receio se vae destacando das faxas do mundo creança, que se lança na purpura seductora do mundo viril. Os ferrados tamancos, onde os homens encaixam os pés produzem nos penedos das ruas por onde transitam um barulho tão insolito e infernal, que se treme da approximação d'algum exercito, ou das ruinas d'algum muro, que venha rolando por despeinhadeiros.

Assistir aos actos religiosos em uma aldeia não é o mesmo que assistir a elles n'uma cidade. N'esta vae-se á missa por adorar a creatura, n'aquella para adorar o Creador, salvas as excepções. A corda, vestimenta, o latim do missal, e as ceremonias do sacrificio incruento são coisas, que não variam cá e lá. Os ouvintes esses é que não são os mesmos.

Na Bemfeita corre-se para a igreja com devoção de crentes, não obstante preparam-se armas como para um campo de batalha. Os varapaus sobresaem aqui e ali por cima do auditorio. Os santos ficam melhor guardados pelos fieis do que a urna em tempo de eleições. Os esgalhados pinheiros d'aquelles poliphemos são outras tantas columnas preventivas para segurança do tecto.

Os seus possuidores conservam-se em forma do athleta, hirtos e immoveis,

Não podem voltar o rosto para os seus visinhos da rectaguarda sem perigo de vasarem um olho ou ficarem decapitados na guilhotina dos collarinhos! Em occasião os joelhos assentam ambos no pavimento á excepção de algum grandedeiro da velha milicia. O silencio é profundo, o respeito solemne. O acto é imponente. Ao bendito e louvado as mulheres teem a palavra. Aqui sim; as gargantas afinam-se por todas as sete notas da escala. O Sacerdote principia o coro, os homens continuam e as mulheres acabam para de novo principia-rem. De longe se póde ir ouvir o concerto d'aquellas filhas de Orpheu. O coração voa-nos em pedaços nas harmonias dos baixos, tipples e contractos que todas ellas fazem. E' um desafio de vozes que entre si disputam a primasia com a alegria dos ouvintes. Acabado o concerto começa a missa, finda esta despeja-se a egreja. Os amigos abraçam-se no adro e fallam das suas esperanças ao vêr passar por diante as virgens de olhos baixos. Nota-se o bordado do lenço branco; o feitio do capote; o comprimento do pé, a inutilidade do livrinho da missa, tudo se nota á desgraçada, que se arriscou a passar de viseira levantada por entre um grupo de amigos, que se cumprimentam. Aparecem os primos e os compadres; pergunta-se pelos afilhados e comadres, faz-se a chronica da semana.

Outro grupo mais além ajusta uns bois, trapaceia o alborgue e some-se na taberna. Outro fala no regedor e nos cabos, no juiz eleito e no deputado; outro mais socialista fala nos nossos emprestimos a Londres, no melhor systema economico, e acaba lamentando a falta de posturas, o inconveniente das estrumeiras, que não deixam no inverno transitar pelas ruas a não ser a cavallo e acaba por contar á assembleia as aventuras do Manuel que naufragou n'um charco de lama á porta da senhora Rozalia. Compram-se depois dez réis de tremoços para contentar os filhinhos que ficaram no berço, em quanto sua mãe veio á missa e desmancha-se pelo desmembramento aquelle *meeting* de nova especie. Depois almoça-se e jantase ao meio dia para que se veja que o seculo XIX não é idade media em que se jantava ás nove horas da manhã. (Foi isto o que o ex.^{mo} snr. Dr. José Simões Dias disse no seu livro *Corôa de Amores* no romance o *Sphiux* em 1868). Hoje é tudo differente.

Certidões.—O Parocho passa por anno umas seis.

Comarca.—E' Arganil, a 12 kilometros (vid. Diccionario Chorographico, de F. A. de Mattos).

Concelho.—Idem.

Coadjutor.—Não tem.

Cemiterio.—Tem um cemiterio novo

construido ha pouco. O antigo foi construido em 1836, sendo Parocho João Antunes Leitão, natural de Vinhó, freguezia de Villa Cova de Sub-Avô. Quando se abriram os alicerces descobriu-se junto á porta principal do dito, oito palmos abaixo da soleira, uma fonte de bica, d'onde ainda corria alguma agna. Viam se dos lados pedras, onde se aguçavam ferramentas; appareceu mais acima um peso de tecedeira e cacos de louça; os dois cyprestes que estão dos lados da porta foram postos em 1865, sendo Parocho Joaquim Florindo Correia, natural da Dreia, d'esta freguezia.

(Continua.)

ALBINO S. D. C.

SECÇÃO LITTERARIA

BRANCA

FILHA D'AFFONSO III

Do poema *D. Branca*
Do nosso Almeida Garrett,
Extrahimos esta franca
Narrativa... tal qual é.

Aben-Affan sonhou a joven, viu a,
Amou-a... amou-a com amor ardente...
Amor de moiro! E desde então seguiu-a...
Tal como a aurora segue o sol fulgente!...

Estavas, Branca, amando a sancta vida,
Servindo o céo d'onde baixado havias;
E pura e crente, olhando a Deus movida,
Tua alma exalça ao céo voar sentias:

Mas uma voz,— sinistra voz foi essa,—
Te disse: «Vem, que o teu destino é meu!»
E tu rompestes por a noite escura,
Vertendo o pranto que ninguem verteu!...

A bella joven, desde tenra idade,
Entregue á vida a que bem diz o céo...
Toda candura, angelical bondade,
De casa muda envolta em sacro veu...

De casa muda, que abbadessa de Holgas
A f z um dia Desventura ou Dicta:
Mas cao a noite, e outro mosteiro em folgas
D'Affonso a filha aquella noite habita.

Em folgas, disse, porque tudo é feita
Ao vêr a joven tão volada a Deus;
Pois é imagem que, risonha e mesta,
Deslumbra os olhos do que fita os seus!

Porém, S. Bento recebera a bella
Em tão má hora, que o loução traidor
A vira entrar a secular portella,
E moço e audaz... infrene deixa Amor...

De quantos crimes o louco é capaz...
Ninguem duvida, além da meiga Vesta:
Elle, que é cego, despejado, audaz,
Loquaco e mudo,—cresce, ataca, infesta!—

«A'vante!» disse: e de S. Bento as portas
Aos moiros deram subitanea entrada!
Ai, casta infante, que de dôr supportas
D'um filho ao vêr-te, omfim, de Agar tomada!...

Mas tuas queixas surdo amor não ouve,
Que Affan é moço, e não se quer privar...
Visto que ao fado mauritano aprouve,
Do céo de amores... que ora o seu sonhar!...

Mil graças pede,—e do pedir não cança,—
Que tu não podes negar-lhe bondosa,
Nem algo impede, que só uma lança
Em vão procura... defender-te irosa...

—A tua mão, senhora! diz o joven,
E a tua mão ás suas mãos se uniu:
Mil beijos são, mil caricias chovem,
E então tua alma, sem querer, sorriu!

E' fado: alfim cedeste ao manso affecto,
Que Aben ao paço te conduz risonho...
Dictoso amante que por ti dilecto
Suspira ao vêr o fim real d'um sonho!...

Mas eu não creio que viver tão taibo
Ao céo roubasse tão celeste pomba:
Não póle um anjo achar na *viza* o saibo
Da sancta vida que das trevas zomba!

Oh não, não creio, que eu bem lh'oigo inciza
A meiga voz dizer pausada e calma:
—Affan, a mágua me acabrunha e piza,
Me punge e pica... até ao fundo d'alma!

Deixo a vida que inda adoro tanto,
Por ti, querido, que tambem adoro!
Ah! sé christão, se vé: correr meu pranto,
Faze-me a graça que a chorar te imploro!

—Não posso, Branca, recusar-te a vida,
Pois que bondoso me sorri teu gesto!
Oh! dá-me um beijo, perdição querida,
Que só tu fulges em meu peito mesto!

Perdi a mão que me christã fizeram,
A qual á filha, minha irmã, perdou;
Perdi o nome que meus paes me deram,
Serei christão... por um sorriso teu!...

E a joven, grata, lho pagou c'um beijo,
Com beijos mil a recebida graça:
Porém, ó fados, que presinto, vejo?
Ai, não ha dicta... que se não desfaça!

Sim, nós sabemos como Branca amava
Ao joven rei que extasiado a via;
Mas quando ao espaço o terno olhar lançava,
Estas palavras... toda céo, gemia:

—Senhor, pequi il porém meu sexo fragil
Cedeu-me á terra sem ao céo roubar-me!
Sabeis, ó Deus, quanto o demonio é agil,
Perdão! confesso... que deixei lograr-me!...



O BEATO MIGUEL DOS SANTOS

E assim vivia amando céo e terra,
Até que o jacimo da morte veio:
Ao paço Marte vae que Amor encerra,
E nua espada... rasga o mauro seiol

—Aben-Affan! suspira a pobre Branca,
Aben! repete, mas ninguem responde:
E' morto! diz, ninguem lh'o sangue estanca,
E n'isto a fronte entre alvas mãos esconde!

E após-momentos sem razão accorda
Do mesto somno em que a prostrára a dôr:
E assim perdida, mal se já recorda
Do triste fim d'um desgraçado amor!...

Faz pena o vél-a co'a irmã do morto,
Que fado amigo que ella visse quiz;
Pois n'ella só parece achar conforto,
Quando zo mir:l-a brandamente diz:

— Tu és irmã d'um homem que eu queria...
Oade, nem quando, não me lembra, pobre!
E' tua fronte a que o coitado um dia
Me disse alegre, seductora e pobre!...

E vendo Affonso que á que ouvia e via
Assás convinha de Oriana o tracto,
As duas de Holgas zo mosteiro envia
P'r'alli viverem em cabal contacto...

Affonso: Pae serias mais louvavel,
Se ás duas dèsses tua estancia e meza;
Porque olha, o mundo sempre foi prasmavel,
E tu... Não foi Mathilde tua presa?...

ALVES D'ALMEIDA.

O SENTIR DO CRENTE

Oh, quanto é grande o Rei das tempestades,
Do raio, e do trovão!
Quão grande o Deus, que manda, em secco estio,
Da tarde a viração!
Por sua Providencia nunca, embal'e,
Zumbiu minimo insecto:
Nem volveu o elephante, em campo esteril,
Os olhos inquieto.

P.^o ANTONIO VAZ DE PROENÇA NORTE.

MÃE

Oh i como é bella, tão joven, mimosa,
Sustendo nos braços o filho infantil:
Esquecem lhe os choros á pobre creança,
Agora adormece sorrindo gentil.

Depois vem os annos, vem luctas, trabalhos,
Que fronte nos vela sem nunca dormir?
O golpe que o peito foriu do teu filho,
Oh! mãe, vae mais fundo n'essa alma pungir.

E os homens nas lides, nos bailes, na guerra,
Affectos, grandezas, vão loucos buscar,
Em quanto na pedra de cruz protectora
Vós ides, de rojos, por elles orar.

A vida que tundes é nossa para sempre,
Em troca da vida, ail vós nada pedis;
Maldito d'aquelle que o fel d'um desgosto
Arroja á vossa alma que sempre o bendiz.

P.^o ANTONIO VAZ DE PROENÇA NORTE.

NÃO É MENTIRA

Rotos papeis de traça salpicados,
Véstes antigas, colchas preciosas,
Velhos escudos, lauchas carunchosas,
Palidos pergaminhos enrolados:

Mausoléos nas igrejas collocados,
Tradições quasi sempre mentirosas,
Contos de velhas sobre acções gloriosas,
Que foram pelos Godos inventados:

Isto não é nobreza, é sim loucura;
Pois só tem os mortaes um nascimento,
Uma passagem, e uma sepultura:

Ninguém herda o esplendor, e o luzimento;
E' só nobre no mundo quem procura
Ser nobre, pelo bom procedimento.

P.^o ANTONIO VAZ DE PROENÇA NORTE.

Deus castiga sem pau nem pedra

SEDE tementes a Deus, amae-vos uns aos outros e não façais aos outros aquillo que de maneira nenhuma querieris que vos fizessem; por que, como a Providencia não dorme, mais tarde ou mais cedo manda-vos o castigo.

Tendes exemplos d'isto a cada passo. Apresentarei um bem frizante e que bem claramente vos mostra como Deus castiga os que não cumprem os deveres de christão em geral e como particulares os do seu estado:

Vivia um pouco afastado da sua aldeia, n'uma casa de campo, um individuo que exercia o mister de carpinteiro por nome Ayres Castello-Branco.

Chamava-se sua esposa Norberta, e tinha tres filhos: Arthur, Diamantino e Philippe, sendo este ultimo de idade de 6 annos, o segundo tinha sete annos e o primeiro contava já nove primaveras.

Eis todas as pessoas de que se compunha a familia do Ayres carpinteiro. Possuia tambem alguns animaes domesticos e entre elles um corvo que, tão bem o tinham exercitado, que era de pasmar o ouvil-o.

O mestre carpinteiro, entretido na sua officina, para que os filhos o não estorvassem, mandava-os brincar, e dizia-lhes muitas vezes que era preciso que começassem a tractar da vida pois já tinham idade bastante, principalmente o Arthur, para que fosse trazendo alguma cousa para casa. Era um excitamento ao trabalho e louvavel se elle dissesse aos filhos que, fóra da sua propriedade, não tocassem em cousa alguma por insignificante que fosse; mas, como aquellas palavras não indicavam balisa alguma, os tres rapazinhos saíram

e começaram a perguntar entre si o que deveriam fazer. O mais velho dizia que fossem ao Basto colher peras. Responde o Diamantino: não, essas são nossas, temol-as certas; vamos antes aos figos do tio José Francisco.

Foram e trouxeram tudo quanto lhes agradou. O pae ficou muito satisfeito e nem sequer perguntou d'onde tinham trazido a fructa, principalmente os figos que não havia no Basto. A' noute batem á porta da officina que era tambem a da habitação.

—Quem está lá? perguntou o carpinteiro.

—Oh snr. Ayres, faz favor, abra lá! Desconfiado, disse:

—Não vou abrir, já estou na cama.

—Olhe que os seus pequenos quebraram-me as arvores no Outeiro e nem sequer me deixaram ficar uma pera com que molhar a bocca!

—Ora, isso não é nada, respondeu o Ayres.

Os filhos do Ayres fizeram muitas d'estas proezas e foram muitas as queixas da parte dos visinhos; porem, obtinham sempre uma resposta prompta: isso não é nada.

O corvo ouviu tanta vez aquella phrase que lhe ficou mettida nos cascos; e logo que alguém viesse queixar-se á officina, já o corvo dizia: isso não é nada.

Cresceram em idade e proezas os filhos do carpinteiro; e um dia que, grande multidão de povo veio ter com elle e lhe diz que seus filhos mataram o visinho depois de lhe derrotarem as arvores e isto só por que elle os ameaçara com a justiça, pegando d'uma ferramenta principiou por castigar-os; mas, castigo de Deus sem duvida; mais fulos que a leôa a quem tentam roubar os filhos, lançam-se ao pae, tiram-lhe das mãos a ferramenta com que estavam sendo castigados, lançam-n'o por terra e poem termo á existencia d'aquelle que fora o auctor dos seus dias e da sua vida desregrada; e o corvo vendo que os filhos matavam o pae, diante de todos exclama: *isso não é nada.*

PADRE ANTONIO VAZ DE PROENÇA NORTE.

SECÇÃO ILLUSTRADA

A arca no templo de Dagon

(Vid. pag. 147)

Os Philisteus foram encarregados de punir Israel por causa das suas prevaricações. Reuniram um exercito, invadiram a planicie d'Aphee na tribu de Judá e deram batalha aos Hebreus acampados proximo d'Eben-Ezer; ven-

ceram-nos, mataram perto de quatro mil homens e apoderaram-se da arca santa.

Os Philisteus depois de senhores da arca a levaram d'Eben-Ezer para Azoto, uma das suas principaes cidades. Collocaram-n'a no templo de Dagon, junto do idolo do seu deus, fosse por consideração por ella, fosse por honrar a sua falsa divindade por causa da victoria que acabavam de alcançar sobre os Hebreus. Mas não tardaram a reconhecer que trazendo a arca para o meio d'elles, tinham dado entrada ao Deus omnipotente que outr'ora castigara o Egypto com tão crueis pragas.

Os habitantes d'Azoto ao entrarem no dia seguinte no templo, encontraram o seu deus Dagon derribado, com a face no chão deante da arca do Eterno. Levantaram-n'o e pozeram-n'o no seu lugar, mas no dia immediato, logo de manhã cedo, encontraram no liminar do templo a cabeça e as mãos decepadas; apenas o corpo se erguia no seu lugar em frente da arca.

N'esta mesma occasião pesou a mão do Senhor sobre os habitantes d'Azot, e os reduziu a extrema miseria. Tanto na cidade como no campo, toda a gente andava com o corpo cheio de chagas, e ao mesmo tempo que o flagello os affligia corporalmente, eram os campos invadidos por uma multidão de ratos que por toda a parte causavam muitissimos estragos. A cidade viu-se subitamente invadida por a confusão e por a morte.

Os habitantes d'Azoto que suspeitavam que a presença da arca era a causa de todas estas infelicidades, instaram com os satrapas para que não a deixassem permanecer mais tempo entre elles. «Porque, diziam elles, é a mão do Deus d'Israel que nos está castigando severamente e ao mesmo tempo humilha o nosso deus Dagon.» Não faltaram espiritos fortes que attribuiram taes calamidades a causas naturaes. Então disseram os de Geth: «Transportem-n'a de cidade em cidade que será o meio de conhecer se ella é realmente a causa de todos estes flagellos.»

Primeiramente transportaram-n'a de Azoto para Geth; mas mal tinha chegado começou a mão do Eterno a pesar sobre a cidade. Feriu todos os individuos desde os maiores até aos mais pequenos, e em poucos dias a mortalidade tornou-se tão grande como nas mais horriveis epidemias. De Geth mandaram a arca para Accaron, que tambem era das principaes cidades dos Philisteus. Mas os habitantes exclamaram que lhes traziam a arca do Deus d'Israel para lhes causar a morte, e pediram aos satrapas que antes a tornassem a enviar para o lugar onde fóra tomada.

Os satrapas foram do mesmo parecer, mas antes de largarem este precioso objecto que tinham primeiramente considerado como penhor de victoria, foram consultar os seus sacerdotes e adivinhos para lhes perguntarem o que haviam de fazer da arca e qual a maneira porque a restituiriam.

Os sacerdotes e adivinhos declararam que era preciso collocar a n'um carro completamente novo, jungir-lhe duas vitellas que ainda não tivessem puxado carro, pôr juntamente com a arca presentes que attestassem o seu respeito por Jehovah, e deixar as duas vitellas seguir o caminho que lhes parecesse. «Se ellas forem, accrescentaram elles, por o caminho que vae ter a Bethsames (para a banda da tribu de Judá) é porque o Deus d'Israel foi quem nos fez tão terrível mal. Se não tomarem essa direcção, ficaremos sabendo por o contrario que não foi a sua mão que nos feriu, mas que tudo aconteceu casualmente.»

As vitellas tomaram effectivamente o caminho que vae ter a Bethsames, e caminhavam sempre com o mesmo passo mugindo, sem se desviarem nem para a direita nem para a esquerda. Os satrapas dos Philisteus as foram seguindo até entrarem no territorio d'aquella cidade, para se certificarem da direcção que tinham tomado e o participarem ao povo.

Os Betsamitas andavam então na veiga occupados na ceifa do trigo. Quando avistaram a arca, ficaram loucos d'alegria. Tendo parado o carro n'um campo d'um Bethsamita, chamado Josué, ao pé d'uma pedra grande, os levitas foram tirar a arca com os presentes que vinham com ella. Desfizeram o carro que a tinha trazido, e collocaram sobre essa lenha as vitellas, as quaes offereceram em holocausto ao Senhor.

Depois do sacrificio, muitos Bethsimitas tiveram a indiscrição de vêr o que estava na arca contra a lei que prohibia até que os levitas a examinassem a descoberto. Esta curiosidade sacrilega foi punida de morte. Setenta dos principaes e cinco mil homens da plebe pereceram victimas d'este castigo. Os Bethsimitas horrorisados não se atreveram a continuar a ter em seu poder a arca: «Quem ha de poder, exclamaram elles, conservar-se na presença do Eterno, d'um Deus tão santo? em casa de qual d'entre nós poderá elle habitar?»

Mandaram pois mensageiros aos habitantes de Cariathiarim, que tambem era cidade da tribu de Judá, mas mais importante que Bethsames, para lhes dizer: «Os Philisteus tornaram a trazer a arca do Senhor, vinde e levae-a para vós.» Vieram os habitantes de

Cariathiarim, levaram para a sua cidade a arca santa e a collocaram em casa do levita Abinadab, em Gabaa, sitio mais elevado da cidade. A sua guarda foi confiada a Eleazar, filho d'Abinadab, o qual foi consagrado para este fim.

*
* * *

O Beato Miguel dos Santos

(Vid. pag. 153)

Este santo nasceu na cidade de Vich, principado da Catalunha, a 20 de setembro de 1591.

Aos onze annos ficou orphão. Mas já então a sua piedade era em grau elevado. Depois de passar por varios transes, pediu Miguel ao ministro do convento dos trinitarios descalços de Barcelona que o admittisse no convento. Este, depois d'examinar a vocação de Miguel, fez-lhe a vontade. Aproximando-se a idade de poder fazer os tres votos que constituem essencialmente o estado religioso, mandaram-no os superiores para o convento de S. Lamberto de Saragoça, onde professou a 30 de setembro de 1607. Mais tarde passou dos carmelitas calçados para os descalços, por espirito de mortificação.

Foi nomeado duas vezes ministro do convento de Valladolid.

Miguel dos Santos era o conjuncto de todas as virtudes.

A sua fé viva e firme esperanza corroavam-se com a rainha das virtudes, que é a caridade. Esta sublime virtude que em si encerra todo o cumprimento da lei, foi o caracter distinctivo de fr. Miguel dos Santos. Abrazava-se n'ella com tão vehementes incendios que mais parecia seraphim do que puro homem. A caridade occasionava-lhe aquelles raptos e extases que se apoderavam de seus sentidos e que pareciam transformal-o em cidadão do céu. A caridade ligava-o de tal modo ao coro, á igreja, aos divinos officios que parecia deixar alli a alma, quando os seus deveres o chamavam a outra parte. A mesma virtude o guiava aos hospitaes e carceres, buscando os miseraveis para os ajudar, consolar e socorrer. Não se limitava sua caridade aos socorros corporaes, dirigia-se principalmente aos do espirito. Logo que tinha noticia de que alguma pessoa vivia relaxadamente ou que por outra qualquer causa necessitava de auxilios espirituaes se lhe fazia encontradiço, e com artificios santos tanto fazia até que terminava por ganhá-la para Deus. Sua caridade, finalmente, era tão vehemente e activa, que ao proprio corpo communicava seus ardores em tal grau, que nos maiores rigores do inverno desejava refrigerar-se deitando-se em um tanque gelado.

Segundo a deposição de Marcos Gonçalves, criado do collegio de Baeza, consta que indo fallar a este Padre no coração do inverno, sahia de seu corpo um calor tão activo, que o não podia supportar senão a determinada distancia; mas que muito que percebesse estes assombrosos efeitos da caridade, em que sua alma se abrazava, um corpo que tão bem o servia em todos os dolorosos sacrificios da penitencia que fazia por amor de Jesus Christo? Já fica dito a que rigor de mortificação chegara este servo de Deus, desde tenra idade até aos ultimos annos da sua vida; mas quando chegou a estes causa espanto e assombro o considerar as extranhas penitencias e asperezas com que mortificava seu corpo para o sujeitar ao espirito.

Seus jejuns eram portentosos, porque não só se abstinha de carne usando sómente de pão e agua, hervas e fructos, mas ás vezes passava dois, quatro e mesmo oito dias sem mais alimento do que o da Eucharistia, com que sustentava sua alma e confortava seu corpo.

Suas vigílias eram continuas; e n'essa hora e meia que destinava ao somno era maior o tormento que dava aos membros do que o descanso que recebiam. Sua cama era o chão ou uma taboia sem mais cabeceira do que um pedaço de um madeiro.

Quasi todos os dias tomava cruelissimas disciplinas com que deixava o corpo ensanguentado e o solo humedecido. Além d'isso trazia sempre um instrumento de mortificação; não havia membro que não tivesse a sua particular: os pés descalços ainda no mais aspero do inverno; os braços e as pernas cingiam-lh'os umas cadeiasinhas de arame com pontas de ferro aceradas que se metiam pela carne; em volta do tronco trazia uma cadeia de ferro que dava duas ou tres voltas; sobre os hombros umas chapas de ferro com pontas; emfim sobre as espaduas trazia uma corôa guardada de cento e quarenta pontas. Um conjuncto de mortificações assim chegou a ponto de lhe deixar o corpo em uma chaga viva; e como as não curava, lançavam de si um intoleravel fodor. Os religiosos, levados do mau cheiro e da compaixão, deram parte ao prelado que lhe preceitou que acabasse com taes penitencias e se sujeitasse ao curativo do cirurgião.

Mas oh! prodigios da divina bondade! o que não puderam seus rogos com o prelado, pôde-o elle com suas orações. Pediu Miguel ao Senhor que não consentisse que lhe tirassem das espaduas aquella cruz, que trazia para memoria da que Elle tinha levado pelos peccados do mundo. Esta oração foi tão efficaç que quando o cirurgião lhe desco-

briu as espadas, ficaram estas sãs como se não houvessem tido ferida alguma, e o mau cheiro transformou-se em uma exquisita fragrancia.

Com a heroicidade d'estas virtudes emparelhavam todas as demais que concorrem para formar um justo prevenido de mais a mais desde a infancia com as benções de Deus.

Sua humildade era profunda, sua caridade ardentissima, viva sua fé, firme sua esperanca, invencivel sua fortaleza, resignada sua obediencia, angelical sua castidade, sua pobreza summa, sua penitencia admiravel, altissima sua contemplação, superior enfim a toda a estima humana o conjuncto de suas virtudes.

Premiou-lh'as Deus ainda n'este mundo cumulando-o com todos os seus dons.

Teve o de prophacia, e o de discricão de espiritos e o singularissimo de mover com sua intercessão a omnipotencia de Deus em proveito de seus proximos.

Mas o mais singular entre todos foi aquelle dom de caridade ardentissima, com que amava tanto a Deus, que sahia de si mesmo arrebatado em extases tão fervorosos, que um d'elles o debilitou a ponto de lhe determinar a enfermidade que o levou á sepultura. Prégava um dia em Valladolid, e de tal modo se arrebatou que ficou como em um prolongado extase. Pôde elle dizer com a esposa dos Cantares que tinha enfermado de amor, porque tamanho ardor se lhe communicou pelas veias que do pulpito foi transportado á cella e d'aquí sahio morto.

No decurso da enfermidade editou, porque assim o digamos, um compendio das virtudes de toda a sua vida; então parecia querer recopilar quanta virtude e devoção praticou no passado. Sofreu a enfermidade com uma invencivel paciencia, que muito edificava quantos o visitavam.

Padecia sede ardentissima e que segundo elle proprio dizia só por Jesus Christo podia tolerar-se, e comtudo nunca se lhe ouviu pedir uma gotta d'agua, nem uma queixa, nem um suspiro, nem o menor allivio ao que o tractava. Procurou saber um religioso mais espiritual e grande amigo seu que era o que pedia a Deus n'aquellas circumstancias; o beato Miguel, vencido de suas importunações respondeu-lhe d'esta sorte: «Só duas cousas são as que peço a Deus, uma que me dê a sentir todos os tormentos que os martyres e todas as creaturas hão padecido por Elle e padecerão até ao fim do mundo; e a outra que me communique todo o amor, com que o tem amado e amarão todas as creaturas do céu e da terra para o amar com todo elle e tanto, como o amam todas junctas.»

Esta resposta manifesta de um jacto a que sublime grau de perfeição tinha chegado este seraphim, pois em nada se conhece tanto este amor de Deus como no sacrificio. Aggravou-se-lhe a enfermidade e houve urgencia de se lhe dar o sagrado Viatico.

Quando o sacerdote entrava com o adoravel sacramento, quiz lançar-se fóra do leito e recebel-o de joelhos; mas os religiosos obstaram a isso. Pediu então a estes perdão; encareceulhes a união e a estima fraterna; e por ultimo mandou-lhes com a auctoridade de prelado que logo que morresse enterrassem seu cadaver sem toque de sinos, na publicação de sua morte; que não abrissem as portas do convento em quanto não houvesse sido dado á sepultura: recommendações que moveram os circumstantes até ás lagrimas. N'esta ultima enfermidade foi visitado pelas pessoas mais gradas de Valladolid, ás quaes exhortava ao desprezo do mundo e a cuidar sómente de bem se disporem para uma preciosa morte. Na noite de quarta-feira 9 de abriu chegou aos ultimos transes. Administraram-lhe o sacramento da extrema-unção, e com tal gozo o recebeu que o viram sorrir muitas vezes.

Ali por meia noite, estando rodeado de religiosos que alternavam os suspiros com os psalmos compoz o servo de Deus seu corpo com toda a decencia e fixando os olhos em um crucifixo, entregou seu bemaventurado espirito nas mãos do Senhor. Sua gloriosa morte succedeu já no começo de quinta-feira 10 d'abril do anno 1625 aos trinta e tres e meio de idade.

Sua morte emocionou toda a cidade de Valladolid; não ficou pessoa de qualidade e plebeia que não viesse venerar o santo corpo. Grandes titulares, cavalleiros, ouvidores, nobres, plebeus; homens, mulheres, moços e velhos, todos á uma porfiavam em quererem beijar-lhe as mãos ou os pés, declarando-o santo. Confirmou Deus esta voz verdadeira do povo, obrando então e ao depois muitos milagres em testemunho da santidade de seu servo.

Fez-se então o processo na forma costumada para provar suas virtudes em grau heroico e para a qualificação de seus milagres, e tendo-se achado tudo isso, para satisfação de nosso santo Padre Pio IV e das Congregações para este fim determinadas, celebrou-se sua beatificação a 2 de maio do anno de 1779 para honra da Hespanha e para consolação e gloria da santa Igreja, assignalando o dia 5 de julho para dia de sua festa.

RETROSPECTO

O officio da festa do «Corpus Christi».

Esta grande solemnidade da Igreja catholica lembra-nos uma anecdotada do seculo XIII, pouco conhecida, que Mons. Paillon, sabio Arcebispo d'Aix, deixou authenticamente comprovada.

Santo Thomaz d'Aquino não só foi o auctor do *Pange lingua*, mas tambem de todo o officio do Santissimo Sacramento, que compoz em 1262 ou 1263. Aquelle hymno não podia ser escripto em 1260, porque a festa do *Corpus Christi* creou-se dois annos mais tarde, e celebrou-se pela primeira vez em toda a Igreja em 19 junho de 1264.

Quando Urbano IV resolveu estabelecer esta festa, quiz que o officio fosse composto pelos homens mais sabios e piedosos do seu tempo. E chamou á sua presença os dois grandes genios do seu seculo, o angelico Thomaz e o seraphico Boaventura, e disse-lhes:

— Irmãos, desejo estabelecer em toda a Igreja a maior e a mais admiravel solemnidade; quero celebrar o Sacramento do amor e de misericordia.

Immediatamente deu a conhecer o seu plano aos dois religiosos e mandou-os compôr o officio. Aquelles humilhes e santos varões ficaram admirados do Pontifice os escolher para tão grande e maravilhosa obra: tentaram escusar-se, mas foi em vão. Dentro de um praso combinado deviam submeter o seu trabalho áquelle que melhor que ninguem o podia julgar.

Thomaz e Boaventura apresentaram-se ao Papa no dia designado, com a modestia nos semblantes e a desconfiança de si mesmos no coração.

— Comece, Frei Thomaz — disse o Papa.

O santo religioso leu as antiphonas das distinctas partes do officio, lições e responsos, tomado e maravilhosamente escolhido da Sagrada Escripura. O Papa Urbano guardava silencio; Boaventura não podia conter um gesto de approvação, reprimido pelo respeito.

Thomaz leu o hymno de Matinas *Sacris Solemnis*, e chega a esta admiravel estrophe:

Panis angelicus fit panis hominum,
Dat panis cœlis figuris terminum,
O res mirabilis manducat Dominum
Pæuper, servus et humili.

Dos olhos de Boaventura corriam algumas lagrimas; sob o seu habito ouvia-se o amarrotar d'um papel cujos fragmentos se espalhavam no chão.

No hymno de *Laudes*, que magestade na sua primeira estrophe!

Verbum supernum prodiens
Nec Patris liquens dexteram,
Ad opus suum exiens
Venit ad vitæ vesperam.

Quanta fé! Que suavidade e belleza
n'esta estrophe!

¡O Salutaris Hostia
Que cœli pandis ostium!
Bella præmunt hostia;
Da robur, fer auxilium.

Qui vitam sine termino
Nobis donat in patria.

S. Boaventura contem a sua admiração com grande sacrificio: novos bacadinhos de papel cahem de novo a seus pés.

A leitura da prosa, sobretudo, parece interessar bastante ao Summo Pontifice. Como sabio theologo, encontra no *Lauda Sion* um tratado completo da mais sublime theologia sobre o mysterio do dia.

Thomaz concluiu pelo *Pange lingua*, cujas quarta e quinta estrophes comprehendiam o Sacramento da Eucharistia.

Acaba de lêr... e o Papa diz:

—Agora Frei Boaventura.

O religioso prostra-se aos pés do Pontifice e exclama:

—Santissimo Padre: quando ouvia Frei Thomaz, parecia-me ouvir o Espirito Santo. Só Elle pôde inspirar pensamentos tão bellos, revelados a meu irmão Thomaz por graça especial do Altissimo. Confesso, Santissimo Padre, que creio commetteria um sacrilegio se deixasse subsistir a minha pobre obra ao lado de bellezas tão maravilhosas. Vêde, Santissimo Padre, o que resta d'ella.

E o religioso mostrou ao Papa os pedacitos de papel que cobriam o pavimento.

O Pontifice admirou tanto a modestia de Boaventura como o genio de Thomaz.

Taes eram os grandes vultos da edade media, tão frequentemente injuriada: taes os santos da divina Igreja catholica que civilisou o mundo, fazendo brilhar em seus olhos a verdadeira luz.

Passaram-se seiscentos annos e a obra admiravel de S. Thomaz é o melhor adorno do Breviario Romano. A sua perpetuidade pertence só ás obras de Deus. Assim um poeta, lendo a quarta estrophe do hymno *Verbum supernum*,

Se nascens dedit socium
Convalescens in edulium,
Se moriens in pretium,
Se regnans dat in præmium

exclamou n'um transporte de admiração:

—Daria todas as minhas obras pela gloria de ter feito estes quatro versos!

Os maus jornaes

As seguintes considerações são do extracto d'um sermão do rev. Padre Ate, sobre a má imprensa:

«O jornal tem mais poder que a palavra. O orador agita as mãos, communica as suas paixões e os erros do seu espirito, mostra os seus maus appetites e desencadeia os seus instinctos perversos; porque, como diz o poeta, as palavras leva-as o vento, enquanto o escripto fica. A palavra do orador só é escutada pelo seu auditorio; o jornal leva o pensamento do jornalista até os confins do mundo. O discurso não dura senão o tempo que se emprega em pronunciar-o e os sentimentos que excita não demoram em desaparecer da imaginação, enquanto o jornal fica em poder do leitor que medita o que lê.

O mau jornal é ainda mais perigoso que o livro; pois para se escrever este é necessario talento, que nem todos teem, enquanto que para escrever aquelle, não são precisos grandes estudos, nem conhecimentos scientificos. O livro custa caro, o jornal está ao alcance de todas as fortunas e por isso é tão grande o prejuizo que pode fazer sendo mau, pois todos bebem no seu deleterio manancial.»

E', pois, dever de todos os catholicos aconselhar a leitura dos bons jornaes, isto é, dos jornaes exclusivamente catholicos.

O poder de Santo Antonio

Na *Semaine Religieuse*, de Carcassona, lê-se o seguinte caso:

«Havia muitos annos que uma senhora pedia com muitas lagrimas pela conversão de seu marido, um antigo official do exercito francez, dotado de muita bravura e de uma lealdade a toda a prova, mas sem resultado apparente.

«Educado por uma mãe verdadeiramente piedosa, o nosso militar tinha sido um bom christão nos seus principios; mas com a vida das casernas e dos arraiaes, as verdades da fé desapareceram por completo. Sua mulher, que, com sua filha, tinha liberdade plena para cumprir os seus deveres religiosos, chorava a cegueira d'aquelle que ella amava muito, não podendo resignar-se sem a sua companhia no céu.

«Um dia em que os seus olhos deram com uma pequena estatua de Santo Antonio que ornava o quarto, uma idéia subita se apoderou do seu espirito afflictivo.

«—Minha filha, diz a attribulada mãe, é necessario que rezes a Santo Antonio para que elle faça com que teu pae ache o que perden.

«—Mas que perdeu elle?

«—Mais tarde o saberás; reza muito e não digas nada a teu pae.

«Pouco tempo depois o official veio avisar sua mulher de que ia sair, e succedeu que, ouvindo a oração de sua filha, fez a si mesmo esta pergunta:

«—Mas que é que eu perdi? E, de mais a mais, que estravagante ideia de rezar a esta estatua! Se tivesse perdido alguma coisa d'importancia, já teria dado por isso.

«E, interrogando sua mulher, disse-lhe:

«—Eu perdi alguma coisa?

«—Porque perguntas isso? respondeu-lhe ella com um certo embaraço.

«—E' que eu ouvi a pequena...

«—Ah! não é nada.

«Assim terminou este incidente, mas o velho militar, que tinha percebido muito bem o embaraço de sua mulher, muitas vezes se interrogava:

«—Mas que é que eu perdi?

«Na noite do dia 12 de junho a mãe estava no seu quarto com sua filha e esta repetia com muito fervor e seguinte oração tocante de ingenuidade:

«Oh grande Santo! fazei com que o meu papá ache o que perdeu!»

«N'esta occasião o official entra arrebatadamente no quarto.

«—Mas, enfim, diz-me: o que é que eu perdi? exclamou elle. Ha oito dias que este pensamento me atormenta. Fazes rezar a nossa filha com este fim, mas farias melhor em me esclarecer; e eu ficaria sabendo se valeria a pena cançar esta creança com taes rezas!

«A estas palavras, sua esposa levantou-se e fitando-o, diz-lhe:

«—Meu amigo, gostarias de nos abandonar para sempre?

«—Oh! isso nunca! Se é com esse fim que rezas e fazes rezar a nossa filha, podes deixar de o fazer.

«—Entretanto, meu amigo, se não encontras o que perdeste, é necessario que nos abandones um dia!... e para sempre!...

«—Mas exijo-te que me digas: o que é que eu perdi?

«—A fé de tua mãe, que é tambem a minha! respondeu a generosa christã; e pelo menos eu, (acrescentou ella,) não estou resolvida a separar-me de ti por toda a eternidade. Não, de modo nenhum. E' necessario que aches a fé que perdeste, sem a qual não podes entrar no céu.

«E a nobre mulher começou a chorar. Vivamente impressionado, o official saiu sem dizer palavra, mas dizendo consigo:

«—A fé de minha mãe!... A fé de minha mulher e de minha filha!

«E durante toda a noite estas palavras retumbaram nos seus ouvidos, umas vezes como um signal de alarme, outras como um toque de chamada.

«Na manhã do dia seguinte, 13 de junho, o nosso militar entra, sem bater

á porta do quarto de sua mulher, e diz-lhe á queima-roupa:

«—Olha lá, tens hoje alguma festa?

«—Sim, meu amigo, a festa de Santo Antonio.

«—Ah! o Santo da chaminé!

«—Esse mesmo!

«E como sua mulher o o'hava com anciedade, disse-lhe:

«—Está decidido, minha querida amiga, já sei o que tinha perdido; mas nota que devemos um bom cirio a Santo Antonio; vamos levar-lh'o.

«Alguns minutos depois, o Irmão Porteiro dos Franciscanos chamava um padre para confessar o bravo militar, que tinha encontrado a fé de sua mãe, a fé de seus primeiros annos».

A prophécia d'uma victima do incendio de Paris

A Sociedade de Sciencias Psychicas de Paris estuda o caso maravilhoso da Irmã Maria Magdalena, que pereceu no incendio do Bazar de Caridade, depois de annunciar varias vezes a sua morte. Dois mezes antes tinha dito aos seus parentes que a visitavam: «Não me encontrareis viva quando voltardes.»

No dia 2 de maio predisse que morreria no meio das chammas e declarou o a um enfermo, de cuja assistencia estava encarregada. Por ultimo, no dia 4 de maio ratificou as anteriores prophécias.

Maravilhosa conversão

No anno de 1849, um joven official ia montado n'um brioso cavallo pelas ruas de Lyon, quando, espantado, este atirou a terra o desgraçado cavalleiro. Levado ao hospital militar, declararam desesperado o seu estado. A Irmã que lhe assistia exhortou-o a receber os Santos Sacramentos, mas o joven rejeitou-os, e até se negou a receber uma medalha de Nossa Senhora. A causa foi confiada ao Sagrado Coração de Jesus, e quando o enfermo dormia, tirou debaixo do travesseiro um romance obsceno que elle allí tinha posto e pondo em seu logar uma estampa do Sagrado Coração de Jesus, retirou-se sem o

doente presentir nada. Despertando este, admirou-se de ver allí a imagem; leu a oração e começou a chorar; chamou então a Irmã e pediu um Padre; fez uma boa confissão e recebeu com grande fervor os Santos Sacramentos. Chegou a primeira sexta-feira de agosto, consagrada ao Coração de Jesus, e ao anoitecer entrava o enfermo na agonia. Pediu ao confessor que lhe assistia que se afastasse um pouco d'aquelle lado do leito, e perguntando-lhe o confessor a causa, respondeu: «Não vê Jesus que se avizinha, mostrando-me com uma mão o Coração e indicando-me com a outra o céo, e me convida a exhalar a alma dentro d'aquella ferida?» O confessor deu-lhe a beijar o Sagrado Coração, e o enfermo expirou dôcemente. Maravilhosa conversão e invejavel morte!

A verdade e o erro equiparados

Por occasião do 15.º anniversario do grande Arcebispo de Milão, Santo Ambrosio, os catholicos d'aquella cidade pediram e obtiveram licença do governo para celebrar uma procissão como encerramento ás solemníssimas feitas em honra do Santo.

Mas os franc-mações e os anti-clericaes pediram ao governo para os deixar tambem fazer uma manifestação maçonica no mesmo dia e á mesma hora, com uma bandeira negra em «signal de luto pelas invasões e renascimento do clericalismo.» O governo permittiu igualmente esta manifestação maçonica, ordenando que as duas procissões percorressem differente itinerario, de fórma que não se encontrassem.

E' o mesmo que dizer: o governo não apoiou a licença dada pelo seu delegado para o sahimento da procissão em honra de Santo Ambrosio, e como lhe convinha reproval-a consentiu a manifestação maçonica.

Por um acto de fé

Durante a revolução de 1848 formaram-se clubs nas principaes cidades de França. N'uma d'estas reuniões, certo orador impio atacou duramente o sacramento da penitencia, terminando com

estas palavras: «Estou certo que nenhum de vós se confessa.» Eu—exclama um dos circumstantes, joven ainda, e subindo á tribuna fez tão caloroso e eloquente elogio da confissão, que fascinou aquelles que haviam escutado sem protestar as blasphemias pronunciadas pelo seu contendor. Aquelle valoroso catholico era o snr. Morin, professor do Lyceu e auctor de varias obras em honra da fé, que chegou a perder alguns annos depois com o contacto da impia demagogia; mas Deus, sem duvida, em recompensa d'aquelle publico acto de fé na sua juventude, permittiu que se arrependesse dos seus erros e morreu christãmente.

Punição d'um blasphemo

Ha dias, á porta da igreja de Saint-Hugues-de-Chartreuse, n'um dia de feira, um negociante de madeiras, com os punhos cerrados para dentro da igreja, gritou: «O' Deus! se tu existes, esmaga-me!»

Dois dias depois, ao descarregar ante a igreja da sua aldeia um carro de madeira que havia apparelhado no domingo, o carro voltou-se sobre elle e esmagou-lhe o peito. O infeliz, quando o tiraram debaixo do carro, vivia ainda e articulava algumas palavras. O Parocho residia a dez passos de distancia. O blasphemo é conduzido para o seu domicilio. Allí, convidam-n'o para se confessar, ao que elle, depois d'alguma hesitação, cedeu. Correm logo a casa do Parocho, que se apressa a socorrer o infeliz doente, Mas quando chegou, o desgraçado era cadaver.

Edificante resposta d'uma creança

—O que é a esmola corporal?—perguntava uma senhora catechista a uma menina.

—E', respondeu esta, dar um pedaço de pão a quem o não tiver.

—E a esmola espiritual?

—Parece-me, senhora, que é o que estaes agora a fazer por mim.

Não é encantadora a resposta d'esta creança?

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correos, 1,5000 reis—Estados da India, China, e America, 1,280 réis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a
Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua a Picaria, 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto